

JOSÉ LINS DO REGO MENINO DE ENGENHO DA VÁRZEA DO PARAÍBA

Odilon Ribeiro Coutinho

Do alto das varandas da casa-grande do engenho São Gonçalo, a visão que se tem da Várzea do Paraíba é a de um verde e buliçoso mar que se espraia, a ponto de quase a vista não poder abarcar, agitado por brejeira brisa, num vai-vém de folhas que brincam molemente como se fossem desmanchar-se em espumas. O verde na vastidão enche os olhos. Aqui e acolá, espicha-se a flecha atrevida de um coqueiro ou avoluma-se a gorda copa de uma mangueira, tingida de um verde fechado que parece roubar da própria sombra que, no meio da tarde, derrama sobre as touceiras de cana mais próximas, como para oferecer-lhes abrigo aos ardores do sol que as sufoca. São grandes manchas escuras, de um negro esverdeado, em que a folhagem e a sombra que projeta se confundem, para encher de tons mágicos a paleta de um pintor impressionista. Às vezes, são tufo de bananeiras desfraldando as suas largas folhas como flâmulas de um semáforo em dia de festa. Ao longo das margens do rio Una, que presta vassalagem ao Paraíba, matucos de bambus criam topetes na vegetação rente dos partidos. Sobre a fita de água que o sol prateia debruçam-se os marizeiros que José Lins do Rego tanto amou, deixando que os seus ramos, como se fossem mãos enlanguescidas, sejam tocadas pelo rio que desliza em manso afago. O rio Paraíba traça, sobre essa mesa de bilhar, o desenho, elaborado como um ornamento barroco, de suas curvas e volutas caprichosas.

Avançando várzea acima, sobe-se a pequena colina do engenho mun-

guengue; afoito bastião colocado no caminho do rio para contrariar-lhe a vontade e barrar-lhe as tropelias. Nos dias de mansidão, o Paraíba aproxima-se da barreira, farejando cauteloso, desconfiado, lambe-lhe o sopé, e dá a volta para ir-se embora. Nas horas de fúria, perde o medo, e investe contra o morro, em ataque incessante, aos trombolhões, espumando de raiva, eriçando o pelo, como um animal provocado. Joga-se contra o paredão de barro, tentando derrubar tudo nos peitos, na reação contra o desaforo de tentarem cortar-lhe a passagem. Há uma página de José Lins do Rego, que ninguém pode ler sem se lembrar pelo resto da vida, em que o escritor evoca — viva e brilhante evocação! — uma cheia do Paraíba fixada pelos olhos arregalados do “menino de engenho”.

— Olha a cheia! Olha a cheia!

— Ainda vem longe — diziam uns.

— Qual nada! Olha os urubus voando por ali!

De fato, com pouco mais, um fio d'água apontava, numa ligeireza coleante e espantosa de cobra. Era a cabeça da cheia correndo. E quando passava por perto da gente, arrastando basculhos e garranchos, já a vista alcançava o leito do rio todo tomado d'água.

— É água muita! O rio vai às vargens. Vem com força de açude arrombado.

O povo a gritar por todos os lados. E o barulho das águas que cresciam em ondas nos enchendo os ouvidos. Num instante não se via mais nem um banco de areia descoberto. Tudo estava inundado. E as águas subiam pelas barreiras. Começavam então a descer grandes tábuas de espumas, árvores inteiras arrancadas pela raiz.

— Lá vem um boi morto! Olha uma cangalha!

E uma linha de madeira lavrada.

— Aquilo é cumeeira de casa que a cheia botou abaixo”.

O rio comanda essas terras verdes e macias. É a alma, o “condottière”, o regente de todo aquele mundo feito para servir de cama ao senhor temido, nas horas em que nele se exalta o macho desenfreado. Nessas horas, amesquinham-se a brabeza dos senhores de engenho e a soberba desdenhosa dos usineiros, ocupantes eventuais do feudo desse rei todo-poderoso. Do Paraíba se conta

que, em dia de cólera, levou de roldão um engenho inteiro: com as suas moendas; as suas ferragens; as suas tachas de mel; as suas fornalhas, que apagou; a sua casa de purgar; as suas caixas de açúcar. Tudo desapareceu nos redemoinhos de suas águas endemoniadas. E ninguém nunca mais teve notícia de coisa alguma. Quando o rio reclamava a posse de suas terras que os usurpadores haviam ocupado, os donos de engenho deixavam às pressas as suas casas-grandes, para que ele se refestelasse nos seus domínios reconquistados.

Por ter conhecimento dessas coisas é que mestre Baquara lavou a alma das humilhações recebidas, ao ver crescer e rugir contra os potentados o rio invencível, em outra cheia que José Lins do Rego testemunhou depois de homem feito:

“ — O homem daqui é o Paraíba, doutor!”

A várzea do Paraíba, o reino do rio indomável — cavaleiro andante que, de tempos em tempos, se transforma em líquido látigo de vingança dos humildes e dos deserdados — foi o reino encantado do menino de engenho José Lins do Rego. E a capital do país da infância do romancista foi o engenho “Corredor”, em cujo paço ele nasceu no começo do século: a velha casa-grande cercada de alpendres de colunata, e provida de muitos quartos, que, com as suas camarinhas destinadas ao uso das filhas solteiras do coronel José Lins e o pátio interno recatado como um claustro, parece respirar uma repousante atmosfera de convento. Mas, havia outras províncias de igual teor sentimental. Havia o “Engenho Outeiro”, com o seu suntuoso sobrado, de arquitetura trazida da França, nos dias da Torre Eiffel, as largas varandas de estruturas de ferro, parecendo camarotes de teatro lírico voltados para o espetáculo do rio. Dele, chegou o escritor a escrever, recorrendo aos registros da memória da criança: “gostava muito da casa do Engenho Outeiro, onde havia um moinho de vento e água encanada”. O “Itapuá”, entretanto, ganharia, na geografia lírica do menino José Lins do Rego, uma densidade afetiva só igualada pelo seu nativo “Corredor” — era o engenho da tia Maria. Maria menina. Tia e mãe de criação.

A doce mãe de criação, que se desmanchava em ternura como um torrão de açúcar, foi viver nos altos da ondulação que dominava todo o quadro do engenho, na antiga senzala de alpendre recortado em arcos baixos e achatados, que ela havia adaptado para sua moradia. A meia encosta, o sobrado afidalgado do Major Ursulino, o mais cruel senhor de escravos do tempo do Império, abandonado, transformando-se em casarão mal-assombrado, como se tivesse sido condenado à mesma ruína que, certamente, castigara a alma de seu antigo morador. Mais abaixo, a capela de pura linha seiscentista, os cantos e a portada de cantaria com um escudo em pedra esculpida cravado no frontão. Do outro lado, a bela

casa da fábrica, com o madeirame composto de extensas linhas, numa disposição geométrica de admirável arquitetura, oferecendo as empenas para o vasto telhado que se inclina da cumeeira até quase roçar o chão. Na fachada, esplêndido painel de azulejo policromado do século XVII, com a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. Lá embaixo, o Paraíba correndo manso por entre marizeiros e touceiras de bambu. Entre os edifícios, a bagaceira, como uma larga praça, cobria-se outrora de uma espessa camada de cana moída. Foi tendo o "Itapuá" diante dos olhos, que o autor de *Bangüê* recordou os aromas, as cenas, o sensualismo dos dias de safra: "o engenho estava moendo. . . . as tachas ferviam, as talhadeiras cortavam a espuma dourada do mel. E a fumaça gostosa, cheirando. À menor coisa que via, pensava em Maria Alice. Ela devia ver também. Vi os homens tombando cana, cantando uma loa qualquer, o volante correndo e caldo a descer bem escuro para o cocho fundo. E a gritaria do mestre-de-açúcar pedindo fogo. Francelino enchia as formas de barro, para com aquela lama alvejar o açúcar. Tinha as duas mãos mexendo a porcaria e o cheiro de açúcar nas formas tomava a casa de purgar inteira.

.....

A bagaceira era toda branca de bagaço enxugando. Enxames de abelhas aproveitavam os restos de caldo que as moendas deixavam.

Nesse mundo sensual é que se criaria José Lins do Rego. Pedaco nenhum de terra faz tanto apelo aos sentidos quanto este Nordeste úmido. Úmido de perfume de mato, de visgo escorrendo, de massapê molhado, de odores afrodisíacos, de gosto de mel, de bosta de boi, de bagaço fermentado, de cheiro de frutas, de rumores de folhagem, de brisa que acaricia como afago de fêmea, de cabelo de moça pingando depois do banho, de sexo pulando entre as coxas das mulheres, de mulatos viris, de dengos e rebolados de cabrochas debochadas, de machos sedentos, de bocas carnudas, de flores vibrantes, de farfalhar de coqueiro, de sabores excitantes, de cana pendoando, de tachas fervendo, de fornalhas acesas, de desejo ofegando, dos ardores do meio-dia, da lascívia do cafuné, da luxúria da rede, das morenas peles reluzentes, da água fresca de rios que se espreguiçam, voluptuosamente, de canavial ondulando, de açúcar excitando as narinas, de sombras espessas no meio do mormaço, de verdes profundos, de corpos ansiosos, de instintos latindo, de sentidos fremindo, de bichos no cio, de donzelas na cisma, de velhas rezando, de sinhás suspirando, de camas rangendo, de ancas requebrando.

Este é o Nordeste úmido. O Nordeste da Zona da Mata. O Nordeste dionisíaco. O Nordeste de sentidos desatados. O Nordeste a que o outro Nordeste faz contraponto. O outro Nordeste seco, do sertão, apolíneo. O da Zona da

Mata é o sensual, quase pagão nas suas intimidades com os santos; festeiro na prática das novenas e procissões. O do sertão é o ascético, místico, fanático. O dos cangaceiros e beatos.

Este Nordeste sensual, embora sofrido, teve em José Lins do Rego o seu grande intérprete. O grande historiador social de *Bangüê* e *Usina*. Como o grande intérprete do outro Nordeste foi Graciliano Ramos, relatando o drama das *Vidas Secas*.

Dentro deste mundo sensual e dionísíaco, a várzea do Paraíba parece ser o trecho que mais irresistivelmente induz o indivíduo a praticar uma espécie de existencialismo panteísta. Há uma tal comunhão entre o homem e a terra, uma tal comunicação telúrica, que o rio Paraíba, o massapê da várzea, as mangueiras, o canavial, o fogo das fornalhas, o mel ardente das tachas, os mulungus, os canários do Engenho Três Reis, os anuns, as cajazeiras, os marizeiros, as capelas antigas, as casas-grandes, a taipa das casas humildes, o mormaço, as sombras, as touceiras de bananeira, a calda fedorenta, o perfume dos jasmineiros e o homem — como que se consubstanciam. Um panteísmo imanente funde as coisas e os seres. O sensualismo difuso que envolve a terra, a vegetação, o ar, as águas, comunica-se à gente e passa a constituir parte de sua natureza. O massapê é bem aquele barro “com modos de garanhona”, de que fala Gilberto Freyre, e que “puxa para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens, as patas dos bois, as rodas vagarosas dos carros, as raízes das mangueiras e das jaqueiras, os alicerces das casas e das igrejas, deixando-se penetrar como nenhuma outra terra dos trópicos pela civilização agrária dos portugueses”.

Massapê que é um leite macio em que a cana pode se acamar à vontade. Em que pode deitar a sua lascívia. E nenhuma outra planta é tão lasciva quanto a cana. O Rei Salomão teria usado a sua imagem, se a conhecesse — para exaltar a sulamita, pois nada assemelha-se mais à sulamita do que a postura provocadora da cana:

“Os teus lábios, ó esposa, são como um favo, que destila doçura, o mel e o leite estão debaixo da tua língua”.

Esbelta e esguia no seu porte, lembra a “formosíssima entre as mulheres:”

“O teu pescoço é como a torre de David”.

Faceira, desmancha-se em dengos, nos movimentos lânguidos das folhas. No amante afoito que dela se aproxima, deixa a marca de suas unhas, com espiantamentos de mulher fogosa:

“Tu feriste o meu coração, com um dos teus olhos, e com um cabelo do teu pescoço”.

Sensual é a relação que se estabelece entre a cana e a terra, entre a cana e a água, entre a cana e a mata, entre a cana e os animais, entre a cana e o homem, para seguir o roteiro ecológico traçado por Gilberto Freyre em seu ensaio sobre o *Nordeste*. Sensual a tal ponto que parece ter alimentado com o seu sensualismo a vida, os hábitos, os gastos, os modos de toda a gente que nasceu e se criou nesta região. E até aqueles que, tendo já nascido longe dos canaviais, herdaram dos seus pais e avós criados nos engenhos, as mesmas tendências e motivações. Sensuais são todos os que passaram a sua infância nos feudos do açúcar, quer tenham sido moleques de bagaceira ou meninos de casa-grande. Embora o modo de ser sensual possa variar e assumir os mais diversos caracteres.

Sensual foi o sinhozinho de "Massangana", Joaquim Nabuco, conquanto isto possa parecer uma afirmação ousada. Pois de que modo se pode traduzir o seu tão mencionado narcisismo, que mereceu de Oliveira Lima páginas de tão ácido, e, às vezes, tão ressentido sarcasmo? Tem-se a impressão de que o seu narcisismo não é senão uma forma de sensualismo ensimesmado. E José Américo de Almeida, menino do Engenho Olho D'água, no Brejo de Areia, tão austero, quase um asceta? Trata-se, aparentemente, de um caso de sublimação. Reprimido por dois tios padres — Monsenhor Odilon Benvindo, que tomou a seu cargo a sua educação; e Monsenhor Walfredo Leal, que o iniciou na política —, tendo passado pela experiência do seminário, jamais conseguiu expurgar de sua vida os vezos de "défroquè". E explodiu em rompantes de indignação e arrancos de civismo, de que a energia represada provocava a deflagração.

E que dizer de meu querido amigo Niilo Pereira, menino de engenho do "Verde-nasce" e do "Guaporé", do doce e heráldico vale do Ceará-mirim, irmão gêmeo da Várzea do Paraíba? É um místico, mas um místico ao modo de Santa Teresa de Ávila. Um sensual de Deus.

E este outro menino de engenho — Gilberto Freyre — que, tendo nascido no Recife, tornou-se um autêntico ioiozinho, através da "Memória da experiência adquirida dos outros por empatia", conforme palavras do próprio Gilberto, a propósito de Otto Weininger. Deste modo, vivendo uma situação metaproustiana, porquanto se aprofundou na busca do tempo perdido além do seu próprio tempo, retrocedendo aos dias de seus avós. Em prefácio ao trabalho sobre a *Vida Social no Brasil nos meados do Século XIX*, ele informa: "A preparação deste ensaio começou, de certo modo, inconscientemente, quando, ainda menino, costumava o autor fazer perguntas à avó materna — dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello — sobre os "bons tempos antigos".

Ouviu, o autor, quando menino, relatos sobre o passado íntimo da sua

gente, de outras pessoas, então de idade tão avançada que algumas, embora de todo lúcidas, já falavam com voz tremida, e, quando andavam, já arrastavam tristonhamente os pés, como dona Maria Rabelo de Oliveira.

Impossível deixar de referir-se à preta velha Felicidade (Dadade), antiga escrava da família Cunha Teixeira e até ao fim dos seus dias afeiçoada aos descendentes dos velhos senhores, há anos mortos; e muito estimada pelos seus ioiozinhos mais novos precisamente pelas suas evocações, uma ou outra vez, amargas – quase sempre saudosas – do passado familiar”.

Tendo realizado uma experiência metaproustiana, Gilberto Freyre como que captou toda a corrente de sensualismo que atravessou várias gerações, intensificando-a e a refinando em lirismo sexual de tipo laurenciano, como definido por ele próprio.

“Sexo, diz o autor de *Casa-Grande & Senzala*, é vida. Sexo é amor. O sexo está à base do que é tanto afetivo como efetivo no comportamento humano. Na criatividade, nas artes e nas letras”.

Desse sensualismo consubstancial com a sua Várzea do Paraíba, impregnou-se toda a vida e toda a obra de José Lins do Rego. Alguns trechos de seus romances são inequivocamente reveladores dessa consubstanciação. As passagens do mais belo erotismo vêm enredadas a aromas, florações, águas, ramagens, sombras, frio, paisagens, caminhos, animais e todos os elementos que compõem o vasto painel panteísta que integrou a Várzea do Paraíba.

Dessa conduta instintiva, relaciono alguns exemplos:

Em *Menino de Engenho*: “pouco mais adiante, debaixo de um marizeiro, de copa arrastando no chão, lá estava uma destas piscinas que o curso e a correnteza do rio cavavam nas suas margens. E foi aí,que entrei em relação íntima com o engenho de meu avô. A água fria de poço, naquela hora, deixou-me o corpo tremendo.

Daquele banho ainda hoje guardo uma lembrança à flor da pele. De fato que para mim, que me criara nos banhos de chuveiro, aquela piscina cercada de mata verde, sombreada por uma vegetação ramalhuda, só poderia ser uma coisa do outro mundo”.

Em *Banguê*: "pela manhã, depois do leite, saímos uma vez a passear pela estrada. O caminho feito para um casal de namorados, de tanto cheirar o muçambê e tanto enfeite de trepadeiras pelas estacas do cercado.

Gostava de chamar a atenção para as coisas bonitas que via. Os paus-d'arco lá em cima, na mata, mostravam-se nas suas flores arroxeadas. No meio do verde intenso, pareciam aparamentados para uma missa pontifical. O sol novo caía sobre o canal, com ternura. Quem diria que ao meio-dia abrasasse tanto, impiedoso para as caninhas novas. Minha companheira mostrava-me um pé de cardeiro todo sangrando nos seus frutos encarnados. As baionetas caladas dos seus espinhos não se defendiam dos sanhaços que acordavam famintos".

E ainda: "Nós dois andávamos pelo Santa Rosa vendo tudo com os seus olhos nuvens de periquitos passavam por perto de nós, colorindo o chão onde pousavam. Anuns reluzentes, de pretos, andavam de bando também. Enchiam o cercado, atrás de carrapatos dos bois, que se deixavam catar tranquilos, satisfeitos de seus, como as mulheres brancas do engenho com a cabeça no colo das negras para catar os piolhos.

Passávamos por cima do balde do açude. Gritavam maracanãs pelas baronessas. De vez em quando, uma curimatã espanava a água com uma rabanada.

Peguei-lhe nas mãos para pular um riacho. E fora a primeira vez que encontrara a sua carne. Eram quentes as suas mãos. Devia ser quente todo o seu corpo, as suas pernas, as suas coxas, aqueles seios de mulher sem filho, intumescidos de vida. Como não seria delicioso um beijo na sua boca, na sua boca sem tinta, naqueles seus lábios meio grossos, com arrebique de provocação!"

E mais: "e saímos os dois até mais longe, pelo corredor que ia dar à vazante do rio. Era uma alameda de cajazeiras e mulungus.

Uniam-se em cima, com as copas. Por baixo, era como se fosse feito para romance. O gado descia da caatinga por ali, para o bebedouro do rio. Àquela hora, estava vazio. Só se ouviam rumores de pássaros e cigarras, fazendo tudo triste com o seu canto de crepúsculo. Não deviam nunca cantar de manhã, as cigarras. Vi no cangote de Maria Alice a marca dos meus dentes. Botei o meu braço pelo seu pescoço, acariciando-a. Fui com a mão, devagar, até os seus seios.

— Aqui não. Não faça isto.

O chão estava sujo de bosta de boi, de cajás maduros apodrecendo. Sementes vermelhas de mulungu salpicavam a terra orvalhada. Ficamos ali, pegados um no outro, aos beijos prolongados. Mordia-lhe os braços.

— Não faça isto. Olhe que vem gente.

E me beijava sofregamente e vinha de seus beijos um gosto morno de amor, de coito se aproximando”.

E finalmente, em *Riacho Doce*:

Então, atrás de uma moita de guajiru, se despiu. O sol cobriu-lhe o corpo de luz. As suas carnes brancas, os seus peitos túmidos, os seus cabelos loiros, iam ser das águas, da areia, das espumas, do sol.

.....

Espichou-se na praia e deixou-se cobrir pelas ondas mansas. Enterrou-se na areia para sentir o calor da terra. O céu azul por cima, o surdo rumor do mar.

.....

Nunca o sol se derramara assim por cima dela. Fechou os olhos uns instantes. Nos seus ouvidos, o rumor das ondas repercutia abafado, como se ela estivesse ouvindo um búzio gigante. Uma alegria absoluta estava na carne de Edna. As ondas moviam seu corpo à vontade. De braços abertos, com as pernas estiradas, os cabelos ruivos de suas partes apareciam à flor das águas como uma estrela-do-mar adornada de algas”. O sensualismo panteísta e o telurismo anímico é que ofereceriam ao autor de *Fogo Morto* o lastro sobre o qual ele assentaria toda a sua organização emocional. Como Joaquim Nabuco, para quem “os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga”, ele bem poderia dizer: “eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas caídas de moenda e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois. . .” E acrescenta: “as impressões que conservo dessa idade mostram bem em que profundezas os nossos primeiros alicerces são lançados”.

Depois, para o menino do engenho Massangana, cai o pano sobre esse cenário idílico: “mês e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava assim o meu paraíso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre. . .”

A cortina que baixou para o ficcionista de *Fogo Morto* sobre a Várzea do Paraíba, foi a morte do avô — José Lins Cavalcanti de Albuquerque —, a quem os netos chamavam, com o toque de carinho da infância, de Bubu.

Foi por ocasião da morte do velho José Lins que a amizade entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre se estreitou. Na hora da desintegração do seu mundo, o romancista paraibano encontrou no seu grande companheiro a rosa-dos-ventos que iria salvá-lo da deriva. Começa, então, o mais belo diálogo entre amigos que a história literária do Brasil registra. A confissão reveladora encontra-se no prefácio a um livro de Gilberto: *Região e Tradição*. "Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde do Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra; foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos". Em 1957, diante do amigo morto, o Sociólogo continuaria o diálogo: "sua vida transbordou de tal maneira na minha que desde que o conheci deixei de ser um só para ser quase dois".

"Sempre que nos reuníamos, sua voz era uma festa para mim. Sua voz, sua palavra, suas risadas, seus gestos — tudo nele era festa para mim. Era uma presença que me completava". E José Lins, num outro momento do colóquio que durou a vida inteira: "começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia. Caí na imitação, no quase *pastiche*. Isto não só no seu jeito de escrever, como em tudo o mais: nos seus gostos, nas suas relações, nos seus modos de vida".

Ao que Gilberto respondeu: "sei que influí e muito sobre ele; e ninguém o confessou mais insistentemente do que o próprio José Lins em palavras, em cartas íntimas, em artigos; o que se disser em contrário será vã ou inócua tolice. Mas sei também que fui influenciado por ele e que sem sua compreensão e seu afeto eu dificilmente teria vencido a acídia que no meu regresso ao Brasil, da Europa e dos Estados Unidos, se apoderou durante algum tempo de mim".

"Mas nesse processo, de parte a parte empático, também se desenvolveria em mim uma empatia recíproca: a de quem, sentindo-se assim influente sobre amigo, tão confiante, da mesma idade, passa a notar que os nossos dois eus por vezes se cruzavam e se confundiam".

Josué Montello extrai de um quase-diário de Gilberto Freyre, *Tempo Morto e Outros Tempos*, essa nota de 1924, começo da amizade com José Lins do Rego: "Descubro a J. L. do Rego o meu segredo: o livro que, nos meus raros momentos de ânimo, desejo escrever. Um livro sobre a minha própria meninice e sobre o que tem sido nos vários brasis, através de quatro séculos, a meninice dos vários tipos regionais de brasileiros que formam o Brasil".

"Teria influído no espírito de José Lins o "segredo" de Gilberto Freyre? Pergunta Josué Montello, para, em seguida, concluir: "admitamos que sim; mas logo reconhecamos que José Lins do Rego encontrou de pronto a sua própria substância romanesca na vida que havia vivido".

O próprio autor de *Casa-Grande & Senzala* relatou que, nos primeiros tempos de fraterna compreensão, vinha "redescobrimdo para ele o próprio particularíssimo Brasil no qual ele nascera.

.....

Como já, para ele, redescobrir a essencial do próprio, e por ele até então desprezado, Nordeste dos seus dias de menino: esses dias de menino na vida de um homem a quem eu dava tão grande, tão lírica, tão dramática importância.

E de cuja evocação resultaria sua obra-prima, realizada por ele como somente ele poderia ter realizado.

Sem dever a mim senão a revelação daquele por ele despercebido pequeno mundo encoberto".

O encontro com Gilberto Freyre estabeleceu uma nova ótica em que o romancista, colocando-se no ponto em que se tocavam os vértices de dois ângulos que se abriam infinitamente em direções contrárias — como um grande X deitado que estendesse as suas linhas progressivamente —, começou, por um ângulo, o externo, a alargar o seu conhecimento do mundo; e por outro, o interno, a aprofundar a sua própria experiência de vida, panteisticamente consubstanciada, desenvolvida na Várzea do Paraíba. Abrindo-se para o Exterior, sob a orientação do mestre da mesma idade, descobriu Hardy, Lawrence — talvez as suas duas maiores influências —, Joyce, Stendhal, Maritain, Verlaine, Whitman, Romain Rolland, Thomas Mann, Stevenson, Dickens, Azorin, Pio Baroja, Unamuno, Gide, Proust, Rilke. Voltando-se para o interior, procura, ainda segundo o sociólogo de *Sobrados e Mucambos*, os seus tempos de menino e quase começa a viver de novo..... quando o homem de novo uniu-se ao menino, apareceu em José Lins do Rego o romancista".

E então o que se viu foi um mundo em ruínas ressurgir das cinzas.

Os nove engenhos do Coronel José Lins que o tempo dispersou, as safras que as moendas esmagaram, a glória do avô que a morte engoliu, tudo isso ganhou dimensão na eternidade.

Às vezes, o avô dizia com a sua arrogância de senhor de muitos engenhos: "este rapaz não dá para nada!" O seu neto era desajeitado como ele só para esse negócio de plantar cana. A sua ternura de avô bom era abafada pela brabeza funcional do patriarca. Mas, hoje, o velho José Lins está vingado dos que se riram satisfeitos com o seu azedume. O neto salvou os seus nove engenhos, a literatura tornou eternos os seus tempos de Prefeito do Pilar. José do Rego o repôs à frente de suas terras, restituiu-o ao alpendre da casa-grande do corredor, imunizou do fermento do tempo a beleza de sua vida. Seu grande neto era desajeitado para as safras que as moendas reduzem a bagaço, para o plantio de canas que se rendem a facões manejados por braços subnutridos. As sementes que semeou, como nas palavras de São Paulo, cresceram para a eternidade; as canas que plantou não murcharão jamais: são canas que o tempo não mói. Os engenhos do velho José Lins estão de novo reunidos, o seu poder está refeito, a sua glória de grão-senhor está restaurada — de novo é o Chefe do Pilar.

Porque o mundo não mudou, como diz o poeta Thiago de Mello no seu "Pranto para José Lins do Rego Cavalcanti":

Porque o mundo não mudou
e porque nós não mudamos
é que punge mais aguda
— lâmina suave de brasa —
a dor de saber-te longe
de nosso convívio, longe
de nossa ternura, longe
de nossas andanças, longe
de nossa conversa, longe
longe, longe, muito longe
e ao mesmo tempo tão perto,
cada vez mais perto, nunca,
ai, nunca jamais tão perto
de nosso amor
— que se fez
grande, só para caber-te.